

# *Quem me dera ser onda:* carnavalização e utopia

Tida Carvalho\*

## RESUMO

O trabalho foi concebido como uma tentativa de leitura “prazerosa” da literatura africana, amiga nova, e a teoria da carnavalização de Bakhtin, no mar de partida com o sol, uma onda a mais neste “carnaval da vitó-ria”.

“De repente a casa parecia transformada. O porco numa berraria de inadaptação.

— Está bem, mas primeiro organizar”. (Rui, 1993, p. 8)

*A maior parte dos escritores negros que se debruçaram sobre a descrição da sua pátria ligaram essa descrição à dos esforços que se fizeram e se fazem para fugir à dominação e reencontrar a liberdade e a dignidade, consequência da independência* (Mouralis, 1982, p. 198).

Numa primeira leitura de **Quem me dera ser onda**, à luz da teoria da carnavalização, de Bakhtin, já se percebe que toda a obra, mesmo em seus momentos de “seriedade”, instala uma atmosfera de prazer, alegria e renascimento. As mensagens político-ideológicas, a utopia – que poderia ser a da igualdade, da cidadania política e cultural, da liberdade –, o cenário revolucionário para onde convergem e interagem manifestações da cultura oral e escrita, do ambiente rural e urbano põem em cena dualidades em movimento que serão trabalhadas de forma carnavalesca, nessa arena que é o texto literário, onde não há extremos opostos, mas uma superposição de situações em que se mostra uma face para logo em seguida aparecer a sua contraface.

A própria noção de lei é constantemente retomada, e o que parece tão rígido é tensionado e até retorcido, como no caso da interpretação dessas mes-

---

\* Doutoranda em Literatura Comparada pela UFMG. Professora de Literaturas Brasileira e Portuguesa da PUC Minas.



mas leis. A lei do condomínio, por exemplo, é tão minuciosa e nem assim, ou por isso mesmo, nunca se chega a um acordo do que é ou não é permitido. De qualquer forma o que comanda mesmo são os interesses pessoais:

*— leitão assim vivo é que não tem direito, camarada Diogo, cai na alçada da lei. Alçada como? Primeiro o monta-cargas está avariado. Um dia inteiro que sua mulher andou a carregar embambas para cima e para baixo. (p. 7)*

Os argumentos de defesa se constróem no ataque à contravenção do outro, já que nenhum tem razão mesmo. Dentro dessa discussão de como usar a lei, a ordem, desnudam-se os problemas atuais dos novos estados independentes africanos: o neo-colonialismo, a formação de uma nova classe burguesa, a fragilidade de certos regimes políticos, as contradições ideológicas (socialismo e comunismo, proletariado e burguesia), entre outros.

Apesar de uma falta inicial de contextualização dentro da situação sócio-política de Angola pré e pós-independência, pretendo desenvolver minha análise de **Quem me dera ser onda**, de Manuel Rui, dentro de duas concepções: o conceito de carnavalização, de M. Bakhtin e a questão das utopias embutidas nas revoluções dentro de uma concepção socialista/marxista.

Percebe-se entre as personagens a ânsia de construção de uma nova ordem que se desmancha a cada nova situação, que se manifesta no texto literário numa comunhão de esforços entre enunciado e enunciação. Há uma angústia em se perceber que até as utopias têm necessariamente um contorno ideal e indistinto. Pois é da essência da situação revolucionária que o agora deva apropriar-se do amanhã, que a imaginação, quando possuída pelo tempo futuro, deve encontrar-se no curto prazo. Os sonhos devem ser disciplinados para cobrir o terreno do possível. Neste sentido, para uma consciência carnavalesca, não há um ideal pronto e eficaz a ser conquistado, não há uma verdade única a ser abraçada. Tanto no programa político-revolucionário, quanto na construção textual é impossível vislumbrar um Absoluto, mas sim possibilitar construções provisórias, intenções, ensaios, anseios, em processo. Também uma certa “carnavalização” da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações e impede os dogmatismos.

Com a chegada do porco à casa – um apartamento no sétimo andar de um prédio – cria-se uma ilusória união da família em torno do porco. Estratégias são elaboradas para escondê-lo da vizinhança (estratégias que podem ser metaforizadas nos jogos da narrativa, como por exemplo o fato de ela se iniciar com um narrador em terceira pessoa e com a incorporação de um diálogo entre as personagens Diogo e Faustino, dando a impressão de uma narrativa em primeira pessoa. Daí o jogo entre o afastamento inicial – narrador em terceira

pessoa – e a conseqüente aproximação, criando, em contrapartida, uma participação no jogo entre autor e leitor empíricos), como nas táticas para iludir a vigilância do prédio; na transformação da figura do fiscal em gatuno; na alimentação do porco que só comia do “Trópico” como um hóspede de alta estirpe: “o porco está a se aburguesar”. Todos esses elementos apontam para uma concepção carnavalesca na construção narrativa. Segundo M. Bakhtin, a carnavalização ilumina a ousadia da invenção, permite associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante, ajuda a liberar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções e elementos banais e habituais: permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo o que existe e, portanto, permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo”.

Há, logo de início, uma dupla visão a respeito do porco. Para Diogo, o porco era tudo carne, peso, contabilidade no orçamento familiar! Para o adulto Diogo o porco era coisa, algo mensurável e tangível, que viria satisfazer seu desejo. Já para as crianças, o porco era amizade, amor, cumplicidade. Duas visões distintas que se irmanam na necessidade comum de resguardar e esconder o porco. *Os garotos desgostavam daquela forma do pai ser. Entristeciam da cena porque Carnaval da vitória estava já na vida do coração deles anco de amor pelo amigo mais íntimo* (p. 27). São duas visões distintas que se irmanam na necessidade comum de resguardar e esconder o porco. O próprio nome do animal aponta para essa incongruência de interesses: a princípio “carnaval”. “— No carnaval a gente mata e come. Com fiscal ou sem. O porco é nosso” (p. 11). Para as crianças o “carnaval” é festa, integração. Depois da visita do fiscal o porco passa a se chamar “Carnaval da vitória”. A vitória que não é a mesma para o pai e as crianças. Diogo, como Sancho Pança, é uma propensão para uma abundância geral. O materialismo de Sancho, seu ventre, seu apetite, suas abundantes necessidades naturais constituem o “inferior absoluto” do realismo grotesco, o alegre tûmulo corporal (a barriga, o ventre, a terra) aberto para acolher o idealismo de D. Quixote – as crianças. O pai serve de contraponto “real” ao idealismo dos filhos. Em certo sentido, a unidade contraditória entre pai e filhos representa a ambivalência – os dois pólos da mudança que simbolizam o antigo e o novo; o que morre e o que nasce; o princípio e o fim da metamorfose que são expressos em uma ou outra forma. O porco representaria dois corpos em um – um que dá a vida e desaparece e o outro que é concebido, produzido e lançado ao mundo; aqui metaforizado nas crianças e na esperança de um novo mundo.

Entre Sancho Pança – Diogo, e D. Quixote – as crianças, o grotesco e o sublime completam-se mutuamente, oferecendo a possibilidade de um mundo

diferente, de uma ordem mundial distinta, de uma outra estrutura da vida. O mundo existente é destruído para renascer e renovar-se em seguida.

Também no tratamento dado aos elementos extratextuais no decorrer da narrativa, como as questões sociais de Angola pós-independência; a situação africana em geral; os *ismos*: tribalismo, peixefritismo (“deixa os *ismos* – não enche barriga”, p. 10) há uma visão carnalizada na imagem do mundo social e político como um perpétuo “coroamento” e “descoroamento” e a mudança como ponte da esperança popular. Existe sempre uma ambivalência, um entre-mostrar de possibilidades. A falta de carne, a burocracia reinante, o prédio ilustre onde só moram secretárias, funcionários de ministérios, militantes do Partido; o Instituto de Habitação “– MAKKA – bando de corruptos” (p. 11). As posições revolucionárias: “Sou revolucionário da cidade” (p. 58) (cidade x campo); a burguesia e o aburguesamento (o porco pequeno burguês, metáfora e metonímia do corpo sócio-ideológico angolano). Todos esses diferentes fios apontam para a necessidade de uma base ideológica mais sólida, justamente ao demonstrar, numa visada irônica, que as posições são continuamente reversíveis. Pode-se considerar, que ao trabalhar todas essas questões, o autor empírico inclui-se entre os escritores do realismo social, acrescentando a ele a relatividade carnavalesca. Segundo Costa Andrade, no livro **Literatura angolana (Opiniões)**, “com esses escritores, as relações colono-colonizado, novo e velho, libertação-exploração, adquirem a dimensão violenta dos antagonismos fundamentais e irredutíveis. (...) A violência apresenta-se na relação explorador sobre explorado; a revolta, consciente ou não, contra o fato colonial, une os homens, é motivação da violência que por enquanto neles é ainda só anti-violência e denúncia” (Andrade, 1980, p. 43). Há um movimento, mesmo que irônico, pela mudança, a necessidade afirmada da mudança, ou, feita esta, do seu aprofundamento, a destribalização, a desracialização do conflito entre visões antagônicas do mundo”.

Em **Quem me dera se onda** esse tipo de postura crítico-engajada do escritor é tomada na opção pela alegria e brincadeira, uma maneira particular de formular e reformular questões visando possíveis soluções não categóricas, mas que refletem o espírito africano de invenção, de capacidade de renovação. A redação feita pela personagem Ruca Diogo pode ser considerada a síntese desse movimento de que nos fala Costa Andrade, elaborado carnavalescamente, de uma forma quase dionisíaca. Esta redação sobre o “Carnaval da vitória”, foi selecionada para um concurso, reflete um tratamento material da linguagem, onde aparece a visão das crianças sobre o porco, a postura do pai e da comissão de moradores que aparecem como reacionários, burgueses, no sentido prático vital dos termos e não teoricamente. A questão da luta encarnada na

figura do animal, que não deve ser morto, deve ser protegido por eles como um símbolo de força, de crença, de nobreza de propósitos, como algo que vem genuinamente de dentro, lá onde todas as revoluções devem ser concebidas – uma centelha de esperança num mundo mais igualitário e fraterno.

Segue-se a isso a discussão da redação entre os examinadores e o desenho que a acompanha: *um caso de inadaptação* (p. 38). O porco, no desenho, *ocupa quase toda a página* (p. 39). Com seu corpo, o porco serve metonimicamente como em oferenda a essa representação do corpo físico, político e simbólico de Angola e também à representação literária. Nesse episódio estão representadas as séries de dualidades: o velho e o novo, o reacionário e o revolucionário, o espontâneo e o previsível, etc. Outra vez a consciência carnalizada abre um leque de perspectivas e possibilidades, com uma visada irônica que privilegia a reversibilidade de papéis e lugares:

— *Até pode ser um caso psiquiátrico – alvitrou o responsável pela secção de matemática.*

— *Caso psiquiátrico nosso?*

— *Parece que fui claro, camarada coordenador. Caso psiquiátrico do miúdo, da professora, ou sei lá...* (p. 41)

E quando a professora é chamada: *Nos olhos da professora alindou-se uma onda de orgulhosa alegria* (p. 47). Consciente de sua maneira de atuar, era julgada pela alta comissão dos educadores:

— *É mesmo uma orquestra e uma orquestra costuma ser ensaiada. Como é possível? Com directrizes superiormente traçadas. Os programas, etc. Agora que as escolas são do povo, manda-se recolher material para um concurso e exposição de trabalhos infantis; orientam-se os professores para apoiarem as crianças no sentido da criatividade de temas sobre a vida do nosso povo, a camarada apresenta-nos uma escola inteira a dissertar sobre um porco! Como é possível? Está aqui patente a ideologia pequeno-burguesa.* (p. 48)

O fio condutor do tempo é a esperança. O tempo dos “miúdos” é diferente do tempo dos adultos, por exemplo. Como Dante sabia, a mente projeta o sonho para frente, para dentro de uma luz tão forte que ofusca todos os detalhes. Os “miúdos” seriam assim, os catalisadores dessa perspectiva, pois o que viria substituir o mecanismo da esperança frustrada? De que modo seriam estimuladas as energias dos movimentos para a frente, que parecem integrais à personalidade humana? E como seriam mantidas ou, nos termos do paradoxo freudiano, como existiria civilização sem descontentamento? Na medida em que a literatura é expectativa dramatizada, é uma crítica ao “real” à luz do pos-

sível, haveria necessidade dela num momento utópico conquistado? Os homens irão consentir em dedicar suas idéias à ficção, quando o *real* satisfizer e seduzir as capacidades plenas de percepção e de ação? Haveria um momento utópico a ser conquistado por uma consciência carnalizada da literatura?

Vê-se que o trabalho do escritor é, entre outras frentes, tentar dar um contorno ideal e indistinto à utopia. Em todo o livro em questão há uma tentativa de aviso ao leitor de que somente seremos capazes de formular perguntas precisas sobre a condição do homem liberado e humanizado, quando e se tal condição (revolucionária) estiver historicamente próxima, quando o horizonte tiver parado de recuar – uma situação tão nova, tão radical que requer uma reorientação de nossa consciência e das metáforas lineares em torno das quais organizamos nosso senso de tempo.

Talvez um ensaio de resposta seja justamente a percepção, a constatação de que a literatura de que tratamos aqui está voltada para uma atitude de fundação, de criação de possibilidades, como um jardim em que são semeadas variedades espécies, o que aponta para o vigor, a fertilidade e a alegria como neste trecho do texto:

*E na escola a grande festa começou.*

*Ruca segurava a trela. Zeca fez uma cócega na barriga do porco “vá Carnaval da vitória”, o bicho deitado de pança para o ar e a mexer as patas num quase entendimento das palavras. Depois requadrupeava-se pesadão, rodava a cabeça, farejava e mais outro miúdo queria cocegar-lhe a barriga. Até que a professora surgiu na varanda da escola e bateu palmas (...) Aí a professora cocegou também e os miúdos bateram palmas. Foi quando despontou uma lembrança:*

*— Zeca, solta a corda. Vamos fazer uma roda e deixar o “Carnaval” no meio.*  
(p. 29-30)

A alegria é metonimicamente instalada no espaço escolar, na cócega na barriga do porco, na roda com o “Carnaval” no meio. Neste espaço instaura-se a literatura como um fazer que quer resgatar as formas mais simples de compartilhamento e entrega de dons naturais como o riso, a brincadeira, a música, a dança, o coroamento enfim da alegria que *é a prova das nove*, já nos ensinou Oswald de Andrade.

Com a intenção de comparar a literatura africana com sua fome por novas cores, formas e possibilidades num caminho quase que alternativo ao da literatura européia, cito a seguir a *Brisa marinha*, de Mallarmé, que condensa um “ennui”, um sentimento de impotência diante das reações políticas e existenciais:

*A carne é triste e eu já li todos os livros.  
Fugir! Para lá fugir! Sinto que os pássaros estão ébrios  
De estarem entre a espuma desconhecida e os céus!  
Nada, nem os velhos jardins que os olhos refletem,  
Guardará este coração que no mar se banha,  
Ó, noites, nem a claridade deserta de minha lâmpada  
No papel vazio que a brancura defende,  
Nem a moça que amamenta o filho.  
Partirei! Vapor que balança teus mastros,  
Levanta a âncora para uma exótica natureza!  
Um tédio, desolado por cruéis esperanças,  
Crê ainda no adeus supremo dos lenços!* (Cf. Steiner, 1991, p. 32)

Toda a situação de renovação angolana pode ser vista na evolução metonímica da figura do porco, dentro da concepção carnavalesca em que a morte é considerada uma entidade da vida na qualidade de fase necessária, de condição para a sua renovação e rejuvenescimento permanente. A morte está relacionada ao nascimento, o sepulcro ao seio terreno que dá à luz, como uma crise de revezamento e de coroamento telúrico. Nas palavras de Goethe:

*Nascimento e sepultura,  
Um eterno mar,  
Um movimento sucessivo,  
Uma vida ardente.* (Cf. Bakhtin, 1987, p. 44)

“Quem me dera ser onda ...” A imagem da onda como um constante e dialético movimento de nascimento e sepultura.

“Era véspera de carnaval ...” (p. 59). A ligação da vida com a morte, de Eros e Tanatos, através do sacrifício ritual. O coroamento da narrativa é o banquete final de “Carnaval da vitória”. Nessa epifania todos os elementos antagônicos se encontram, todos os antigos vizinhos dissidentes se reúnem nesta festa: “Tanta coisa com o porco e se calha fica contente se os vizinhos lhe acabarem hoje com a carne (p. 68)”. Enquanto isso os “miúdos”, no outro carnaval, vislumbram maneiras de salvar o porco. Segundo Bakhtin, no comer o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si. Esse encontro com o mundo na absorção de alimentos era alegre e triunfante. O homem triunfava do mundo, engolia-o em vez de ser engolido por ele; a fronteira entre o homem e o mundo apagava-se num sentido que

lhe era “favorável”. Não seria essa a utopia desenhada nesse banquete final de **Quem me dera ser onda?**

Toda essa celebração epifânica do comer e beber nos remete a uma celebração do aprendizado, da formação de uma identidade nacional, de um festim popular onde se irmana, entre ensaios e erros, a vontade de se criar um estado de paz e alegria. Retomando Costa Andrade: “... O socialismo na cultura também é pioneiro. Ser pioneiro é ser futuro”. Além disso, simbolicamente, uma refeição não poderia ser triste. Tristeza e comida são incompatíveis. O banquete celebra sempre a vitória. O triunfo do banquete é universal, é o triunfo da vida sobre a morte. O corpo vitorioso absorve o corpo vencido e se renova. O fato de os “miúdos” estarem “lá embaixo” confirma a inversão irônica ou ambivalência da situação. A morte do porco é também coroamento – o fim deve estar prenhe de um novo começo, da mesma forma que a morte é prenhe de um novo nascimento. Mesmo a festa é ambivalente. À alegria dos adultos, no churrasco, corresponde a tristeza das crianças que, ao mesmo tempo, engendram um mundo novo. O riso popular ambivalente, ainda segundo Bakhtin, expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem. O riso nega e afirma e escarnece. Outro fator interessante é que durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval dá a idéia de renovação universal, em que a própria vida representa e interpreta uma outra forma livre da sua realização, o seu próprio renascimento e renovação sobre melhores princípios, o que aponta para um futuro ainda incompleto. Por isso até a infelicidade dos “miúdos” completa esse momento grávido de porvir. “A roupa da noite começou a vestir o dia”. (p. 63)

*Que mistério era aquela grandeza de espuma branca, eriçando o mar ?*

*— Vocês não gostavam de ser onda ?*

*— Deve ser bom. Assim por cima da água nem é preciso saber nadar. Quem me dera ser onda !*

*— Mas (...) não se pode ser onda se uma pessoa fosse entrava com essa força do mar onde a gente queria. Onda ninguém amarra com corda. (p. 63)*

A imagem da onda é o que nos toma. A utopia que ninguém amarra, uma visão oposta a toda idéia de acabamento e perfeição, a toda pretensão de imutabilidade e eternidade. É algo que precisa manifestar-se através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis, flutuantes e altivas, o que confirma a consciência da relatividade da verdade e autoridade no poder. A lógica original das coisas “ao avesso”, das permutações constantes do alto e do baixo (os adultos, os “miúdos”).

A vitória do socialismo conseguiu despertar nos povos colonizados um sentimento de certeza que mobilizou a decisão de levantar-se contra a opressão poderosa do ocupante, até vencê-lo, como a onda no mar, às vezes alta, às vezes baixa. Em relação à literatura e aos intelectuais nos diz Agostinho Neto no discurso aos Escritores Angolanos: “Viver a cultura angolana significa compreender o povo tal como ele é definido. Ser um elemento do povo. Esquecer preconceitos e ultrapassar a classe ... saber retirar dos sentimentos, das aspirações e dos momentos da História, os elementos necessários para a sua tarefa artística.”

Para finalizar, poderíamos aliar à carnavalização e à utopia revolucionárias aqui abordadas, a questão da modernidade. “Toda a força de idéia de modernidade repousa no desejo de remover tudo o que tenha vindo anteriormente, de modo a atingir um novo ponto de partida radicalmente novo, um ponto que possa ser verdadeiramente presente.” (Cf: Berman, 1987, p.303). Há que se saber que a libertação nunca é total; mas é real e conquistada. É preciso ganhar a vida e conquistar a liberdade a cada novo dia.

### RÉSUMÉ

Ce travail conçu comme une tentative de lecture avec plaisir de la littérature africaine, une nouvelle amie, et la théorie de la carnavalization de Bakhtin, dans la mer de départ avec le soleil, une vague de plus dans ce carnaval de la victoire.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Costa. **Literatura angolana** (Opiniões). Lisboa: Edições 70, 1980.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- MOURALIS, Bernard. **As contra-literaturas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- RUI, Manoel. **Quem me dera ser onda** – novela. Lisboa: Manuel Rui e Edições Cotovia Ltda, 2ª Edição, 1993.
- STAM, Robert. **Bakhtin – Da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, Série Temas – vol. 20., 1982.
- STEINER, George. **Linguagem e silêncio**. Ensaio sobre a crise da palavra. Trad. Gilda Stuart. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- STEINER, George. **No castelo do Barba Azul**. Algumas notas para redefinição da cultura. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia das Letras, 1991.



*Sou a favor de uma arte que seja político-erótico-mística, que faça algo mais que sentar o rabo num museu. Sou por uma arte que se confunda com a merda cotidiana e que acabe por vencê-la. Sou favorável por uma arte que conte o clima do dia, ou onde fica essa ou aquela rua. Sou a favor de uma arte que ajude velhas senhoras a atravessar a rua. (Oldenburg)*

## **Outras publicações da Editora PUC Minas**

ARQUITETURA – CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO – Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
BIOS – Departamento de Ciências Biológicas  
CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS – Departamento de Sociologia  
CADERNO DE CONTABILIDADE – Departamento de Ciências Contábeis  
CADERNO DE ENTREVISTAS – Departamento de Comunicação Social  
CADERNO DE ESTUDOS JURÍDICOS – Faculdade Mineira de Direito  
CADERNO DE GEOGRAFIA – Departamento de Geografia  
CADERNO DE ODONTOLOGIA – Departamento de Odontologia  
CADERNO DE REPORTAGENS MALDITAS – Departamento de Comunicação Social  
CADERNOS DE ADMINISTRAÇÃO – Departamento de Administração  
CADERNOS DE BIOÉTICA – Núcleo de Estudos de Bioética  
CADERNOS DE ECONOMIA – Departamento de Economia  
CADERNOS DE ENGENHARIA – IPUC – Instituto Politécnico da PUC Minas  
CADERNOS DE HISTÓRIA – Departamento de História  
CADERNOS DE LETRAS – Departamento de Letras  
CADERNOS DE SERVIÇO SOCIAL – Departamento de Serviço Social  
EDUCAÇÃO – CADERNOS DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – Departamento de Educação  
ENFERMAGEM REVISTA: CADERNOS DE ENFERMAGEM – Departamento de Enfermagem  
EXTENSÃO: Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas  
HORIZONTE – Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas  
ORDEM E DESORDEM: CADERNO DE COMUNICAÇÃO – Departamento de Comunicação Social  
SCRIPTA – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e do CESPUC  
SPIN – ENSINO E PESQUISA – Departamento de Física e Química  
VERTENTE – Revista da PUC Minas Contagem

### **Composição Eletrônica:**

EMS • Telefax: 0 (xx) 31 296.3055

### **Impressão:**

FUMARC

Fundação Mariana Resende Costa  
Av. Francisco Sales, 540 • Floresta  
Fone: 0 (xx) 31 249.7400 • Fax: 0 (xx) 31 249.7413  
30150-220 • Belo Horizonte • Minas Gerais

